



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura
VII Encontro Local do PROLER
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

SENTIDOS DE VIAGEM EM EUCLIDES NETO: DO REAL AO IMAGINÁRIO N'O TEMPO É CHEGADO

Rita Lírio de Oliveira
UESC
rita_lyrio@hotmail.com

Resumo: Este artigo tem como propósito a análise do livro de contos *O Tempo é Chegado*, de Euclides Neto, tomando por base teórica as premissas acerca da temática “viagem”, imaginário e memória. Para tanto, recorre-se aos autores Octávio Ianni (2000), Wolfgang Iser (1996) e Maurice Halbwachs (2006), investigando até que ponto se dá a “viagem” das personagens nas narrativas, com enfoque especial para aspectos como o real e o imaginário, memória, tempo e espaço, como processos de significações e descoberta do eu.

Palavras-chave: Viagem. Realidade. Imaginário. Memória.

Introdução

Na sua obra póstuma *O tempo é chegado*, publicada em 2001, o escritor baiano Euclides Neto toma por cenário principal os tempos áureos que a exploração e a comercialização do cacau (o “fruto de ouro”) puderam proporcionar ao Sul da Bahia, notadamente para uma camada reduzida e privilegiada da sociedade, nos anos 30 do século passado, época em que vigorava o romance regional na Literatura Brasileira, quando escritores se propuseram a denunciar o estado de penúria em que vivia o povo excluído, em suma o nordestino.

Euclides Neto se insere nesse estilo. Todavia, a sua obra como um todo não se caracteriza por ser panfletária (o que, a princípio, pode parecer o romance regionalista), já que o escritor soube elaborar e desenvolver um discurso literário sensível às coisas que presenciou e viveu, sobretudo utilizando a memória como uma reconstrução de contextos sociais reais.

Em razão dos contextos sociais reais de que se nutrem as narrativas Euclides Neto, a sua obra pode ser analisada sob vários aspectos. Desta forma, este artigo ocupa-se da temática “viagem” presente no livro de contos *O tempo é chegado*, vez que, ao se fazer a leitura de alguns contos integrantes da obra em questão, é possível perceber processos de viagem exterior e interior que o escritor leva as personagens a experimentarem, perambulando entre o real e o imaginário, entre o tempo e o espaço,

numa reconstrução ou desconstrução do eu, por meio de significações várias, muitas vezes contraditórias.

1. Do real ao imaginário

O tempo é chegado é, em suma, uma rememoração do passado, partindo do presente crítico de Euclides Neto, uma vez que o escritor reconstrói fatos passados que viu e viveu, levando em conta as consequências sociais, econômicas e culturais de tais fatos no presente. Isto porque, seguidor do projeto literário do romance regional de 1930, enredou a sua obra na relação entre o indivíduo, o espaço e o contexto socioeconômico, reconhecendo também a prevalência da sua memória afetiva acerca da região cacaueira sul-baiana.

Desta forma, Euclides Neto apresenta nas suas narrativas constantes n' *O tempo é chegado*, as vicissitudes que sofrem as personagens à medida que o processo socioeconômico influencia diretamente a vida social grapiúna¹, individual e coletiva, sobretudo na época auspiciosa do cacau e seus reflexos no tempo presente. Essas vicissitudes sofridas pelas personagens do livro podem ser percebidas pelas experiências de viagem, interiores ou exteriores, que as mesmas têm, nas quais o viajante “tanto se perde como se encontra, ao mesmo tempo que se reafirma e se modifica. No curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa” (IANNI, 2000, p. 31).

Diversos são os contos que Euclides Neto se ocupa em demonstrar as variações interiores e exteriores que sofrem as suas personagens, notadamente associadas à derrocada econômica do cacau. Ainda que a característica principal do romance regional seja apontar as mazelas sofridas pelas baixas camadas da população oprimida e explorada, n' *O tempo é chegado*, o escritor dá até certo enfoque ao grupo minoritário de abastados que gastaram o quanto puderam à custa do cacau, sem se preocuparem com o futuro, mergulhando na pobreza forçada, na loucura e no suicídio.

Eminentemente uma obra de ficção, *O tempo é chegado* pauta-se, todavia, em circunstâncias regionais realmente ocorridas na história sul-baiana, como o ciclo do cacau, a disputa pela terra, as tensões pelo poder, a vassoura-de-bruxa, a reforma agrária. É desta forma, entre ficção e realidade, que Euclides Neto urde as suas narrativas, nas quais se percebem viagens reais e imaginárias.

Como explica Ianni (2000), reside na literatura o tema viagem como a metáfora mais frequente e distinta, vez que adquire muitos significados e conotações, realizando e sonhando ao longo das narrativas. O autor diz que “são muitas as formas das viagens reais ou imaginárias, demarcando momentos ou épocas mais ou menos notáveis da vida de indivíduos, famílias, grupos, coletividades, povos, tribos, clãs, nações, nacionalidades, culturas e civilizações” (IANNI, 2000, p. 13).

Essa época notável n' *O tempo chegado* ocorre no tempo auspicioso do cacau, precisamente na década de 30, e a sua vertiginosa derrocada, descrita no seguinte excerto do conto que dá título ao livro:

A natureza vingativa já disse. O sol, a vassoura-de-bruxa, a comedilha dos bancos, as casas roídas pelos bichos miúdos. Os muitos caçadores de ipeca nem preço tinham mais pelo seu suor. O dono da Bela Flor endoideceu, o da Sorte Linda enfiou, não queria ver ninguém, nem

¹ Segundo o Dicionário Aurélio, o termo, como substantivo, refere-se ao habitante da região cacaueira do Sul da Bahia; como adjetivo, diz-se dele, de seu modo de vida, de seus hábitos, etc., bem como representa a região do Sul da Bahia.

filhos, nem amigos, recolheu-se no fundo da roça mais escura, unhas crescendo, cabelo virando bicho. O comércio descia aos fundos do inferno. Por toda parte, em vez de anúncios iluminados, chamando a freguesia, restou o “vende-se” o que ninguém queria comprar. Paradeiro. Castigo (NETO, 2001, p. 11-12).

Segundo Ianni, a viagem pode ser um processo que desenvolve o eu, pelas inquietações, descobertas e frustrações do indivíduo, que podem agilizar suas potencialidades, pois

ao longo da travessia, não somente encontra-se, mas reencontra-se, já que se descobre mesmo e diferente, idêntico e transfigurado. Pode até revelar-se irreconhecível para si próprio, o que pode ser uma manifestação extrema do desenvolvimento do eu. Um eu que se move, podendo reiterar-se e modificar-se, até mesmo desenvolvendo sua autoconsciência; ou aprimorando a sua astúcia (IANNI, 2000, p. 26).

No caso da obra de Euclides Neto, este explora principalmente as inquietações e as frustrações geradas pelo infortúnio das roças de cacau. O conto *O tempo é chegado* é bastante ilustrativo, pois o mesmo percorre desde a gênese grapiúna, compreendendo a sua formação social, cultural e econômica, até o ocaso financeiro que trouxe a loucura, a pobreza. Por sinal, esse processo de empobrecimento está presente ao longo de todo o livro, suscitando a viagem interior das personagens, claramente percebido no referido conto, por meio da personagem D. Justina, a viúva de Dr. Santos, homem outrora rico e influente: “A pobreza a apavorava naquele momento. Preferia morrer a ver as roças queimadas pela doença, as árvores do sombreamento desaparecidas para virar dinheiro que a manteve até ali. [...] Sofria, a dona Justina. Nada cansava mais que a pobreza” (NETO, 2001, p. 13).

Essa decadência está bem mais detalhada no conto *Retrato de general*, que narra a saga de Hermógenes Caldas Verdes, o qual, após percorrer o mundo empunhando armas, volta afamado e coberto de glórias. Ele é o caminhante que, ao retornar da distante e longa jornada, depara-se com a penúria da cidade que deixara há alguns anos. Penúria que lhe fazia, aliás, aumentar o prestígio, por ser uma espécie de rei de um olho só, numa terra de cegos, cujo comportamento social deveras fora modificado ante a realidade vigente:

Terra dos genros, dos ricos e afamados casamentos, automóveis de luxo, dos aviões para visitar as propriedades agrícolas (nem se chamavam mais fazendas), tudo parecia um tempo vencido, como sempre acontece na decadência das nobrezas.

Com a chegada da quase miséria, os genros foram largando as filhas dos cacauicultores (nome também inventado, para indicar os nababos). Restaram os netos dos desenlaces. Muitas mulheres, retornando do Rio de Janeiro ou de Salvador, sobravam, atrás de novo casamento ou mesmo de aventuras amorosas, já que a carne gania. Decaídas, nem tanto. Invés de contas bancárias rechonchudas passaram a minguidos reais conseguidos com a venda de jóias, mobília e o que mais pudessem passar adiante. Como não mais podiam comprar roupa, mesmo as singelas, era comum vê-las de paetês e sedas finas, nas reuniões de cooperativa dos cacauicultores, também falida, usando vestidos de grife, usados nos salões da Corte. Algumas sofriam a humilhação de trabalhar para sobreviver. Os maridos, rapagões de cabeleira pintando a idade, desapareceram, sem nenhuma condição de

dar mesada à mulher e filhos. Se eles viveram até ali dos cheques dos sogros, como poderiam tê-los agora quando as estufas e barcaças estavam vazias? Queriam se ver livres do fardo incomodo das esposas já envelhecidas e, sobretudo, pobres.

Sobrava, portanto, mulher largada. Algumas ainda aproveitáveis, mas machucadas pelos desregramentos da cidade grande. Como viver como se viúvas fossem, algumas até honestamente, mas ainda apaixonadas, saudosas, minando as lágrimas? Outras, logo tiravam o luto e caíam na gandaia, conseguindo horas extras no colchão dos rufiões (NETO, 2001, p. 16-17).

Ianni explora essencialmente a viagem exterior ou de deslocamento, quando o indivíduo descobre o outro e a coletividade deste. Todavia, o próprio autor esclarece que “mesmo os que permanecem, que jamais saem do seu lugar, viajam imaginariamente ouvindo estórias, lendo narrativas, vendo coisas, gentes e signos do outro mundo” (IANNI, 2001, p. 14). Bons exemplos dessa assertiva n’*O tempo é chegado* encontram-se nos contos *O menino e o cavalo que foi para o céu* e *O médico e as almas*, nos quais Euclides Neto opta em abordar esse tipo de viagem por meio do pensamento infantil – tenro e ingênuo.

O primeiro conto narra a história do menino de quase cinco anos chamado Davi, que viu morrer Lourival, o vaqueiro que cuidava com todo zelo e esmero do cavalo da criança. Para debelar sua tristeza, o pai de Davi lhe dá de presente o cavalo Formoso, a fim de compensar a perda do amigo. Todavia, dias depois, Formoso morre também, envenenado por uma cobra. O pai de Davi, temendo o pior, tenta a todo custo esconder da criança a triste verdade, mas sem lograr êxito. Davi, ao saber da desdita, pergunta ao pai, como se tivesse viajado ao céu:

– Mas meu cavalo vai pro céu, não é pai?

Então foi bom, painho. Assim, Lourival tem em quem andar montado (ibid., p. 10).

N’*O médico e as almas*, o escritor narra a história de Dr. Serapião, médico que na infância perdeu o seu periquito de estimação, morto pelo gato marisco, que também foi punido com a morte, ao beber leite com formicida, passando a criança a dormir na cama da mãe, com medo das almas dos dois animais.

Já homem feito, afirmando-se um materialista e ateu convicto, reencontra-se com as impressões gravadas na sua alma infantil, quando se vê sozinho na casa-sede da fazenda de um amigo, preso por uma tempestade que durou toda a noite. Bastou o canto de agouro de uma coruja *tua-cova* para se deparar com as visagens:

A zanga dos trovões serenou. Foi pior. Com o quase-silêncio, até uma arca feita com tábuas de cedro estalava e gemia. Nessas horas, por mais que se tenha deglutido Platão e Descartes, o raciocínio enfarta. Já era uma multidão de almas dentro da casa: no vôo das baratas, das formigas-de-asa, dos cachorrinhos d’água, dos morcegos, do excomungado assoalho também feito com a fatídica madeira (NETO, 2001, p. 48).

E depois de sofrer entre a sua materialista falta de crença e a sua alma infantil, tomado pasmo de susto, o médico se reencontra e se confronta com o seu próprio eu, nessa viagem alegórica tramada por Euclides Neto:

Dr. Serapião deu um grito de socorro: – Acode, mãe, que a alma do periquito vai me pegar!

Encontraram o materialista no meio da sala, em pé, nu, com expressão de menino assombrado. Tremia de frio e febre. (ibid., p. 49)

Identifica-se neste conto o que Iser (1996) chama de componentes do imaginário: as idéias (conhecimento e lembranças), o sonho, o devaneio, e as alucinações, esclarecendo que

como idéia, o imaginário torna presente o que é ausente, guiado pelo conhecimento e pela memória; como sonho é confinamento do sonhador emaranhado em suas imagens; como devaneio, a eliminação de formas na imanência pura e como alucinação uma consciência soterrada. Talvez seja na loucura que o imaginário alcance uma presença relativamente pura (ISER, 1996, p. 222).

Iser acrescenta que um texto ficcional, como é o objeto desta análise, contém vários fragmentos que podem identificar a realidade, ainda que esta deva ser colocada em parênteses, para que se saiba que o mundo representado na ficção não é o mundo real, mesmo sendo entendido como se o fosse, o que o torna um mundo referencial para quem o lê.

Quanto à viagem exterior propriamente dita, Ianni ensina que o viajante, quando percorre o caminho, desfaz-se de muitas coisas que leva de si, despojando-se, à medida que descortina o novo, entrando em contato com o desconhecido. Em contrapartida, avisa que muitas vezes o viajante se desilude, mesmo que se despoje e se abra para o novo, pois procura algo de si mesmo, principalmente ao que era, é e continuará a ser. “Isto porque muitas vezes o viajante está à procura de si mesmo” (IANNI, 2001, p. 30).

N’*O tempo é chegado*, isso pode ser verificado no conto *A rica fazendeira de cacau*, que narra a história de D. Agripina, a rica fazendeira dos tempos áureos do cacau, época em que os abastados provincianos costumavam a gastar a sua fortuna viajando, principalmente à Europa, lugar-moda da época. Com D. Agripina não foi diferente. Entretanto, a viagem ao desconhecido não a agradou sobremaneira, pois não se encontrou lá, já que buscava algo de sua identidade. Definitivamente, a Europa lhe soou estranho:

Não era mulher de viagens ao estrangeiro. O seu era ali. Fora às europas uma vez. Não viu nada demais. Uma porqueira. Um zoadeiro desgramado, gringo tomando dinheiro, servindo comida de cachorro. No fim, empacou no quarto do hotel e esperou a volta sem abrir mais a boca. No Rio também estivera. Uma porqueira. Só se engraçara das sedas estampadas e anéis brilhantes. Comprou tudo que bem entendeu. Para depois ficar zanzando, indo ver o mar, mulheres descaradas, nuas como diabas. [...]

Estava no meio da fazenda Linda Bela, gozando da fortuna. Quase chegando. Não precisava de espancar dinheiro pra ser feliz. Bastava ver as pilhas de cacau seco, os lotes trazendo mais das roças, os homens descarregando nos cochos, subindo às estufas. Os barceiros com o lombo alumiando ao sol, sambando em riba. O que também lhe beliscava as partes. Deus a perdoasse (NETO, 2001, p. 23).

Já no conto *A descoberta*, ocorre justamente o contrário, corroborando a primeira assertiva de Ianni. O conto narra a viagem da menina Suzete da cidade para uma fazenda de cacau, por causa da crise econômica da lavoura, o que não permitia a sua família o luxo de continuar morando na cidade. Bastaram os primeiros contatos da infante com as “coisas da roça”, descortinando o novo e se despojando do que levava em si, para abrir-se cada vez mais ao desconhecido.

Mesmo com a constante vigilância da mãe e da babá, o ânimo da menina em mergulhar no novo não foi contido. Não bastava apenas assistir o que se passava aos seus olhos. Era preciso vivenciar, fazer parte do novo. Foi suficiente o convite de uma das meninas para o banquete que acabaram de aprontar, e já estava ela na companhia de outras meninas do local, com uma pequena cuia nas mãos, aprontando uma iguaria típica do lugar. Indubitavelmente, era uma nova menina.

Ninguém a segurou mais na sede. Ficou rosada, engordava. Não podia ver jaca dura. À mesa, só queria comer de mão, fazendo bolinho de farinha. Chupava favos de jataí, quebrava as cabaças de cacau na madeira e arrancava os caroços como as companheirinhas. Comeu bananas pintadinhas, caídas naquela hora do pé.

– Menina, menina, você está se passando. Vai ficar de castigo.

Certo dia, a mãe aflita, perguntou:

– Você quer brincar de quê?

– Quero brincar de ser pobre, mamãe (NETO, 2001, p. 131).

Seja como for Ianni, já alertara que toda viagem compreende uma gama de significações que podem ser simultâneas, complementares ou contraditórias, razão pela qual, à medida que, principalmente por sua imaginação, o viajante supera as fronteiras e se lança rumo ao novo, ao desconhecido, tanto pode se encontrar como se perder, bem como pode se reafirmar ou se modificar, ocorrendo uma transfiguração que torna o viajante distinto do que era antes.

2. Viagem: memória, tempo e espaço

Ao abordar a metáfora da viagem, Ianni (2000) expõe a influência do tempo e o espaço nesse processo, haja vista que é em ambos que se projeta um eu nômade, diverso e contínuo. Como a viagem pode ser real ou metafórica, permite-se que o eu viaje, sem sair do lugar onde se encontra, no tempo e no espaço, na memória e na história, no passado e no futuro.

Não obstante, Ianni (2000, p. 28) acrescenta que “o caminhante não é apenas um ‘eu’ em busca do ‘outro’”. Com frequência é um ‘nós’ em busca dos ‘outros’, pois a viagem sempre traz em si algo de coletivo. Há uma representação coletiva do tempo, porque o indivíduo, vivendo em sociedade, tem a exata noção do tempo, algo que, isolado, poderia ignorar e ser incapaz de medir a sua duração, haja vista a ação exercida pela consciência do outro que rompe com a continuidade da vida consciente do indivíduo. Desta forma, o indivíduo e a coletividade mergulham para o desconhecido ou rebuscam o conhecido suposto, por meio do imaginário, em todos os espaços e ao longo dos tempos.

Os preceitos de Ianni acerca da viagem – diretamente associada ao presente, passado e futuro, bem como entre espaços e tempos – confluem para alguns preceitos sobre memória apresentados por Halbwachs, uma vez que as noções de tempo e espaço estruturam os cenários sociais da memória e são fundamentais para a rememoração do passado, já que as lembranças se constituem a essência da memória.

Segundo Halbwachs (2006), quando se relembra uma viagem, ainda que não se recorde a data exata, há um contexto de ordem temporal ao qual a lembrança está associada, e, graças a uma série de reflexões advindas desse processo, a lembrança se encorpa e se completa, pois permite que o fato ocorrido seja localizado, diferenciando-o de outros fatos, mesmo não se sabendo a época em que ocorreu. “A localização, inicialmente aproximativa e muito imprecisa, logo se tornou precisa, quando a lembrança estava presente” (HALBWACHS, 2006, p. 125).

Halbwachs, para lembrar uma viagem, cita alguns exemplos de contextos temporais que facilitam a lembrança, tais como um fato histórico relevante, o tempo biológico do indivíduo (infância, juventude, fase adulta), estações climáticas do ano, realização de alguma tarefa, etc. Esta premissa pode ser refletida no livro *O tempo é chegado*, haja vista que Euclides Neto compôs a sua obra baseado num fato histórico relevante para a região cacauzeira – o auge e a derrocada econômica do cacau –, e nas suas próprias reminiscências, em razão de ter visto e vivido acontecimentos sociais reais, semelhantes aos descritos na sua obra ficcional.

A associação feita entre a lembrança e os contextos temporais dispensa a necessidade da exatidão das datas em que os eventos a serem lembrados ocorreram. Desta forma, Euclides Neto não se atém a referenciar os acontecimentos por meio de um mero quadro de sucessão de datas.

Percebe-se claramente essa intenção no conto *A rica fazendeira de cacau*, cuja descrição simples da vida em ação situa a época e o lugar: “Dona Agripina escavaiava garbosa no seu cavalo pedrês. Nos tempos antigos de silhão. Mulher não podia montar de pernas abertas feito homem. Muito menos vestir calça para tal imoralidade” (NETO, 2001, p. 21). O antigo hábito social de ser permitido às mulheres cavalgarem em silhão (espécie de sela grande apropriada para senhoras cavalgarem de saia) permite a localização temporal na narrativa euclidiana.

Outro exemplo se encontra no conto *Conversão do vigário*, cujo excerto abaixo constrói e explicita o contexto temporal, sem necessariamente precisar a época pela data:

Caatinga enfezada. Lugar por onde passaram muitos heróis de Canudos. Lá em cima, no cocuruto do morro empinado, atrás da cidade, a cruz – símbolo da paz e da guerra. A cidadezinha acanhada, sobrevivendo da lavra de cereais, tão vasqueira quanto as chuvas. E das cabras. As casas parece que escorreram do alto, como rolavam pedras nas enxurradas dos aguaceiros. Tudo sufocado pelos verões de alguma fornalha das profundas. Os vaqueiros passavam encorados nos cavaleiros castanhos, seguidos pelos cães magros, ossos riscando a forma dos bichos e dos homens. Andavam lerdos e sem pressa. Como se soubessem onde estaria o fim e retardassem para chegar lá. O tempo é longo, distante. Não sabem quando voltam, nem até aonde vão (NETO, 2001, p. 25).

Diversos elementos do excerto acima trazem informações capazes de dispensar a explicitação da época em que a narrativa ocorre, constituindo o contexto temporal, como a estação do ano (verão) caracterizada por fortes chuvas, em meio a tempos sócio e economicamente difíceis, representados pela magreza dos cães, devido à fome, também refletida nos homens, e a incerteza duradoura do amanhã, se de fim completo ou de soerguimento econômico da região.

Ainda considerando o mesmo excerto, nota-se que a narrativa transmite impressões do lugar a partir de suas formas, possibilitadas pela memória afetiva do

escritor, cuja vinculação entre forma e memória confere a identidade do lugar, em razão da capacidade de se caracterizar e atribuir qualidade ao espaço descrito.

Além das noções dos contextos temporais associadas ao processo de viagem, o espaço também se apresenta como elemento influenciador preponderante, pois nas viagens que o indivíduo realiza, interiores ou exteriores, o espaço influencia principalmente a afirmação da identidade, principalmente quando associado ao trabalho da memória, que referenda tal afirmação. Muitas vezes, os fatos marcantes são lembrados por meio do ambiente e por determinados objetos que representam as experiências vivenciadas pelo indivíduo, cujos pensamentos e ações se vinculam a imagens exteriores.

Todavia, sem sentido e contexto, o indivíduo não se fixa no espaço e no tempo. Isto ocorre porque melhor é para o indivíduo estar afeito a imagens habituais do mundo exterior, que são partes inseparáveis do eu. Caso contrário, ele atravessará períodos de incertezas, quando transportado para um novo ambiente material, a exemplo da personagem D. Agripina, no conto *A rica fazendeira de cacau* – já citado neste estudo – , que ao viajar à Europa, sem o menor tempo para se adaptar e se habituar ao novo espaço, rechaça a novidade, como se tivesse deixado para trás toda a sua personalidade.

Para Halbwachs, o ambiente material próprio do indivíduo traz ao mesmo tempo a marca de tal indivíduo e dos outros com os quais convive. Assim, a casa, os móveis, a maneira que estes são arrumados, o arranjo de todo espaço, fazem lembrar a família e os amigos que o indivíduo habituou-se a ver nesse contexto. Não obstante, quando esse grupo é inserido numa parte de outro espaço, tenta moldá-lo à sua imagem, ao mesmo tempo em que se dobra e se adapta a coisas materiais novas, às quais a princípio resistem, fechando-se no contexto que construiu.

O sociólogo francês esclarece ainda que um acontecimento grave sempre traz uma mudança nas relações entre o grupo e o lugar que ocupa, pois tanto o grupo pode modificar o lugar, quanto o lugar pode modificar o grupo. “A partir desse momento, este não será mais exatamente o mesmo grupo, nem a mesma memória coletiva e, ao mesmo tempo, o ambiente material também não será mais o mesmo” (HALBWACHS, 2006, p. 160).

N’*O tempo é chegado*, essas modificações são percebidas, por exemplo, no conto *Conversão do vigário*, que narra a chegada do padre Antero para assumir a paróquia de um determinado lugarejo, e o seu conflito em moldar o lugarejo aos seus princípios religiosos ou se moldar aos costumes dali, como antes se moldara seu antecessor:

Ali chegou o padre Antero, barba encapoeirada, olhos entrincheirados no fundo das órbitas. Tirasse a batina e vestisse os couros, seria um do lugar. [...] Batina! Nada de short e camisa xadrez como o malandrão do antecessor, jogando perna, dominó na porta do cabeleireiro Epaminondas, dando gargalhadas no deboche da guitarra, engraçando-se com as meninas; emborcando copo; e, além de tais pecados, se enlameava nos capitais, ao frequentar as mulheres alegres, sob desculpa de trazê-las ao cercado de porcas, já que ao redil de cordeiras não podia ser. Um pai-de-chiqueiro, outro padre ((NETO, 2001, p. 25).

Desta forma, o padre Antero, a princípio, consegue moldar o lugar e a comunidade a sua forma de pensar e agir, com a sua barba mais crescida e a sua batina mais puída, cuja fé lhe deu semblante de santo para aquele lugar, arrebanhando e

resgatando toda gente perdida. “A presença do vigário era mais um milagre” (ibid., p. 26).

Entretanto, devido às atrocidades praticadas pelo coronel Nicodemo da Ponta da Pedra, que a pulso facínora, mandava exterminar as gentes que se opuseram ao levante das cercas que desapropriavam as famílias dos miseráveis, o padre evocou a vida do beato Conselheiro, resgatando em si mesmo a memória do “santo homem”, à maneira do lugar:

Organizara os trabalhadores. Resistiu à feitura da cerca da Ponta da Serra, mandando cortar os farpados e soltar o criame. Tirou a batina, vestiu-se de trabalhador, alpercata de couro cru, calça remendada, camisa xadrez, jaleco, crucifixo de umburana feito a canivete por ele, que também santas e as colecionava com devoção, enchendo os cômodos da casa. Beato nos limites do ódio e do amor, em luta com os próprios sentimentos, sem saber até onde chegaria (NETO, 2001, p. 28).

Tudo isto porque não bastava dizer às gentes miseráveis e oprimidas que o caso caberia às autoridades temporais resolverem, já que elas só acreditavam numa figura mítica viva, beatificada, para se sentirem protegidas e perto de Deus. Além disso, a imagem da santa que forjara numa tora robusta de umburana, fê-lo recordar da mocinha da escola primária com a qual se encantara, por isso se autoflagelava com açoites dos espinhos da roseira. “A dúvida era não distinguir mais os pecados da carne e os das novas convicções religiosas. Convertera-se à fé possível” (ibid., p. 29).

Este é o ponto em que se retoma o preceito de Ianni sobre o viajante, no caso o padre Antero, que, ao percorrer o seu caminho, depara-se com o novo, descortinando-o, ao entrar em contato com aquilo que lhe é desconhecido, aquele novo espaço e a sua gente que modificaram o religioso interiormente, quando pensava este que modificara o espaço e o outro. Ainda, verifica-se nessa modificação que sofre o padre, citada por Ianni e por Halbwachs, o poder da tradição arraigada tanto no espaço e quanto no outro, e que harmoniza os indivíduos com o seu ambiente, numa aliança entre passado e futuro, com a qual padre Antero se depara.

Para Halbwachs, o espaço material é de fundamental importância para se entender adequadamente a memória coletiva, pois, à medida que o indivíduo o acessa e o ocupa, é capaz de reconstruí-lo, por meio da imaginação ou pensamento, já que as impressões do indivíduo se sucedem, uma à outra, nada permanece em seu espírito, não sendo possível compreender que pudesse recuperar o passado, se este não se conservasse no meio material que o cerca.

Essa viagem, com a preponderante influência do meio material, pode ser verificada no belo e comovente conto *O velho e os três meninos*, que narra a invasão de três meninos de rua à casa do velho Jeremias. Para tanto, Euclides, como uma espécie de preâmbulo, traça o cenário desafortunado da região cacauzeira – como faz ao longo de todo livro –, devastada economicamente pela vassoura-de-bruxa, expondo as consequências sociais da crise, sobretudo das famílias destroçadas de tantos meninos abandonados, verdadeiras “ratazanas a farejar e pedir nas casas, olhos afundados na necessidade” (ibid., p. 124).

Como pouco conseguiram, os meninos passaram a roubar, não importando se isto era certo ou não, entrando na roda viva de serem presos, soltos, presos novamente. Espancados e torturados, embruteciam o espírito. Começara a matança, como a única forma de exterminar “a praga invasora, dominando a cidade – calungas que se

reproduziam aos milhares e, quanto mais eram eliminados, mais apareciam das profundas” (NETO, 2001, p. 124).

Feito o preâmbulo, narra-se efetivamente a invasão da casa do velho Jeremias pelos três meninos, provavelmente de cinco, seis e oito anos de idade. Toda ação vigiada pelo dono da casa, escondido atrás da cortina da sala, empunhando um revólver para ser usado no momento oportuno. Até que os invasores, mesmo com a pouca idade, se deslumbram com o que se depararam:

A sala enorme, guarnecida de mobílias, quadros, pratos na parede, jarros, tapetes, lembranças de viagens feitas pelo mundo, nos bons tempos, e a televisão do tamanho de uma janela grande. A luz da rua, que entrou com os assaltantes, mostrava tudo. Passaram à copa: duas geladeiras, o freezer, forno elétrico, liquidificador, rádio, o relógio na parede gotejava o tempo. Riqueza, ali (ibid., 125).

Foi como se um novo mundo surgisse para os três meninos. Não sabiam por onde começar, o que roubar, o que comer. “Começaram a guerra de brincadeira e alegria com queijo, pedaços de salame, lingüiça” (ibid., p 126). Vasculharam a casa toda, e voltando a sala, puseram-se a assistir a um filme violento, com tantas atrocidades. Contudo, o menino menor, chefe do grupo, encantou-se com o desenho animado de bichos e bonecos brincando, razão pela qual não deixou retornar ao canal do filme violento. A alegria é tanta que não se precaveram mais com a possível chegada de alguém.

Enquanto isso, o velho Jeremias assistia aquela algazarra e aguardava pacientemente a melhor hora de prender os trombadinhas de alta periculosidade. E o momento propício foi quando os três, já cansados e saciados de tanto comer e brincar, foram para o quarto, e adormeceram. Desta vez, foi o velho que se deparou com algo que ficara para trás e há tempos ele não via nem se lembrava:

As fisionomias dos meninos – envelhecidas pelo desespero – estavam tranqüilas. Voltaram a ser crianças. Dormiam como os inocentes dormem. Talvez até sonhassem com uma casinha, comida, uma cama e o colo da mãe. Com certeza, sonhavam.
O velho começou a chorar baixinho (ibid., 127).

O solitário Jeremias não usaria mais o seu revólver nem chamaria a polícia ou os guardas que vigiavam a rua. Deixou as crianças dormirem, sonharem e irem embora, ao amanhecer. O episódio, repleto de significações e conotações sutis, foi uma descoberta para os três invasores com a sua própria essência infante e um reencontro para o idoso com algo que, diante de tanta crise e atrocidades, já nem se lembrava, graças àquela invasão dos meninos que “nos lençóis de linho muito alvo deixaram a marca dos corpos magros e sujos – sudários da fome” (NETO, 2001, p. 127).

Este conto demonstra como Euclides Neto, ao longo do livro *O tempo é* chegado, soube aliar o real, por meio do contexto social caótico – urdido e resgatado pela memória e pelos reflexos no presente –, e o imaginário, por meio das experiências e emoções vivenciadas pelas personagens, numa viagem interior que se dá principalmente pelo espaço em que duas realidades se encontram e, sem saber, confrontam-se, num processo de descoberta, quando cada uma das personagens já tinha por certas as suas convicções, vivenciando dúvidas e sentimentos contraditórios.

Conclusão

Ao longo deste estudo pôde-se perceber e se confirmar como o processo de viagem compreende várias significações e conotações. N'*O tempo é chegado*, várias delas foram abordadas, seja pela transmissão intencional do próprio autor, seja pelas impressões próprias que cada leitor toma pra si, ao se deparar com cada narrativa.

Na referida obra de Euclides, esse rol de significações até se amplia, dado o fato de que se trata de um livro de contos reunidos, com várias histórias fragmentadas e personagens distintas, ainda que o cenário e o contexto social real sejam, em tese, os mesmos. Isto porque o escritor apresenta diferentes experimentações de viagem vivenciadas, interior ou exterior, até mesmo com personagens de características semelhantes ou idênticas.

Percebe-se também na obra como a rememoração, influenciada pelo tempo e espaço, potencializa a viagem vivida pelas personagens, retrocedendo no tempo, o mais longe possível em que o pensamento consiga se fixar nas cenas e nas pessoas, por meio da conservação da lembrança. Quando espacialmente não se consegue viajar, ainda será permitido se transportar fora do espaço, para dentro de si mesmo.

Referências

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo : Centauro, 2006.

IANNI, O. A metáfora da viagem. In: **Enigmas da Modernidade-Mundo**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2000.

ISER, W. **O Fictício e o Imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Tradução de Joahnnes Kretschmer, Rio de Janeiro : EdUERJ, 1996.

NETO, E. **O tempo é chegado**. Ilhéus: Editus, 2001.